

MAGIA E RELIGIÃO NA ANTIGUIDADE PRÉ-CRISTÃ EUROPEIA: REFLORESCIMENTOS CONTEMPORÂNEOS E HISTORICIDADES CRÍTICAS

Jamerson Marques da Silva
Doutor em História pela UFPE
Pesquisador CAPES
jamersonm34@gmail.com

Resumo

O presente trabalho traz uma análise do alegado ressurgimento moderno de cultos da antiguidade pré-cristãos europeia, nas diversas formas e expressões contemporâneas comumente conhecidas como neopaganismo, bruxaria moderna e Wicca, a partir de apreciações historiográficas e de análises de historicidade destes cultos reflorescentes que se comportam como releitura hodierna de antigos cultos mágicos politeístas.

Palavras-chave: Neopaganismo; Religiões Antigas; Magia; Bruxaria Moderna

Abstract

The presente work brings an analysis of the alleged modern resurgence of the ancient european pre-christian cults, in several contemporary forms and expressions commonly known as neopaganism, modern witchcraft and Wicca, from the historiographic appreciations and the analytics of historicity of those reflowering cults which behave as hodiernal revisions of the ancient polytheist magical cults.

Keywords: Neopaganism; Religions in the Ancient World; Magic; Modern Witchcraft

Ressurgimentos e reinvenções em foco na contemporaneidade

A partir da metade do século XX, dilatou “com força brutal” (PRIETO, 1999, p. 14; YORK, 1995, p. 35), na Europa e na América do Norte sobretudo, movimentos que reclamavam para si reflorescimentos, reconstituições e resgates de um conjunto antigo de fé e práticas religiosas, de caráter mágico e místico, animista e politeísta, que frequentemente caracterizam o que adeptos e estudiosos chamam de neopaganismo.

Este fenômeno religioso tem sua sociogênese, não somente no interesse pelo oculto que tem grassado sobremaneira em nossa época (KING, 1996, p. 7), mas, concomitantemente, vê-se impulsionado a partir da facilmente constatável atmosfera contemporânea de crítica crescente “as estruturas religiosas tradicionais” (CUNNINGHAM, 2014, p. 15) que em muito fomentaram, ao longo do tempo, as controversas arrumações sociais vigentes no Ocidente.

A partir destas moções de contracultura (HARVEY, 1997, p. 11; OLIVEIRA, 2009, p. 5), que se viram adensar vertiginosamente na década de sessenta e setenta, refloresceria uma miríade destas crenças não convencionais, de raízes pré-cristãs, cultivadas pelas longínquas

culturas de ancestralidade europeia. Estas reconfigurações não tradicionais de expressões de fé em antigas divindades e forças da natureza, surgiriam cunhando, *de per si*, uma série de autoafirmações, sob os nomes construídos de neopaganismo, bruxaria moderna, *Wicca*, etc. Todas estas categorias reinventadas, unanimemente e sob atmosfera de misteriosa deferência pela antiguidade, içaram o lábaro de alegada observância de tradições vetustas que compunham o que hoje alguns, de maneira homogeneizante, se referem como *ars antiqua*.

Estes movimentos que buscam endosso na antiguidade pré-cristã europeia, predominantemente a partir de tradições, grosso modo, greco-romanas, célticas, nórdicas, e em menor escala africanas (destacadamente keméticas) e asiáticas (no que concerne sobretudo aos cultos hindus). Encontram similaridades culturais que, embora não tergiversem às idiossincrasias e singularidades do movimento, também podem ser apontadas ao tentar elaborar a configuração de um perfil comum de suas manifestações.

Conformam, portanto, seus traços identitários, além dos elementos já trazidos à baila, o culto à natureza e às antigas deidades rechaçadas pelo monoteísmo, a identificação matrifocal de uma fonte criadora (o culto à deusa), a crença e o trato com seres mitológicos e elementais, a observância de antigas “rodas do ano”, ciclos sazonais, festivais agrícolas, lunares, astrológicos, equinócios e solstícios celebrados pelos antigos. Tentativas de se aproximar ou reconstruir, na medida do possível, o que os antigos povos da Europa costumavam celebrar.

Este chamado ressurgimento dos paganismos, enquanto reavivamento dos antigos cultos pré-cristãos da antiguidade europeia, propondo celebrar novamente a “grande mãe”, a natureza e seus ciclos (PRIETO, 2002, p. 13), acaba propondo resgates e reconstrucionismos de antigas crenças e prática devocionais e ritualísticas. Tudo isto tem sido, contemporaneamente, associado à bruxaria moderna, sobretudo a partir de sua primeira exposição sistemática, designada por *Wicca*, sob notória influência das publicações do britânico Gerald Gardner, destacadamente suas obras *The Meaning of Witchcraft* (1959) e *Witchcraft Today* (1954), dentre outras, a quem se deve a difusão e desmistificação deste sistema religioso que retomava fôlego na Europa, numa época em que *bruxaria* ainda configurava crime penal nas leis inglesas até 1951.

É bem verdade que antes de Gardner alegar a identificação da bruxaria moderna e da *Wicca* com as antigas tradições mágicas e religiosas, a doutora em paleontologia Margaret Murray, em seu controverso *The Witch Cult in Western Europe* (1921), também já falava numa continuidade das antigas religiões (PRIETO, 1999, p. 14). Para Murray, a Idade Média europeia experimentou, por causa da perseguição da igreja, apenas um declínio e conseqüente velação

dos antigos sistemas de fé e rito, não uma completa liquidação, de maneira que era possível traçar uma perenidade, permanência e manutenção medieval das tradições e das práticas dos cultos mágicos que, atravessando os séculos, chegariam até Gardner na década de cinquenta.

Com efeito, a partir desta perspectiva de continuidade, este renascimento pagão, poderia ser notado, emblematicamente, como uma saída destas reminiscências das brumas do tempo e da perseguição. Assim, a bruxaria medieval e moderna – escreve o próprio G. Gardner ao perscrutar a crítica hipótese do culto bruxo da doutora Murray – poderiam ser tratadas como permanências dos cultos da “antiga religião” (GARDNER, 2004, p. 4-5), no dizer de Prieto, “a continuação destas antigas manifestações religiosas” (PRIETO, 2002, p. 15).

Ora, a análise dos cultos pagãos que refloresceram na segunda metade do século XX sob a chave de continuidade dos antigos cultos da Europa pré-catolicização, como se estes cultos tivessem permanecido de maneira mesmo que minimamente organizada e apenas saído das escuras e novamente trazidos à tona depois de um excruciante inverno milenar de perseguição, tornara-se uma opinião deveras controversa desde que Murray publicara seus estudos. Se há alguma procedência etnográfica nesta hipótese, os historiadores rigorosamente não acolheram. Não obstante, a tese continua, no mínimo, bem-querida por muitos pagãos contemporâneos.

É certo que, como afirma J. Delumeau, as “massas permaneceram amplamente pagãs” (DELUMEAU, 2009, p. 523) – dirá com Freud - “sob um fino verniz de cristianismo, permaneceram o que eram seus ancestrais, politeístas” (p. 555). No entanto, seria possível falar em continuidade?

Aporia da continuidade: problemas historiográficos

Bem antes de Murray, em 1862, o historiador romântico J. Michelet, defendeu em *La Sorcière* (A Feiticeira) que o Cristianismo pode ter obliterado, vitorioso, os deuses do Olimpo, mas não uma miríade de costumes ligados às divindades locais. Para ele, os deuses antigos ainda estavam na posse “de uma imensidão de campos, dos bosques, dos montes, das fontes (...) habitavam, o coração dos carvalhos, as águas rumorosas e profundas (...) ocultavam-se na casa e eram mantidos vivos no coração do lar” (Apud. MURRAY, 1956, p. 54).

Com Michelet, J. Frazer, em sua obra *The Golden Bough* (1890), lançaria as bases da tese da doutora Murray, da continuidade dos velhos cultos em concorrência à hegemonia persecutória cristã. Com Frazer, concordaram K. E. Jarcke, F. J. Mone, conforme atenta Delumeau, e um número maciço de outros pesquisadores, destacadamente ligados à etnografia (DELUMEAU, 2009, p. 549-550).

Charles Leland também deveras influenciou Murray. Em 1892 publicava *Etruscan Roman remains in Popular Tradition* e em 1899 seu *Aradia: The Gospel of the Witches* cuja tese central é esta mesma sigilosa hereditariedade dos cultos das antigas religiões durante a Idade Média até os tempos modernos. Leland foi exaustivamente estudado por R. Grimassi em sua obra *Hereditary Witchcraft* (1999) em que ele chega a tirar de Gardner o título de pai da Bruxaria Moderna e, negando-o a qualquer outro, o dá a Leland (GRIMASSI, 2003, p. 245-248). Grimassi compreende em seu livro que existem muitas invenções e “misturas” modernas na bruxaria contemporânea, codificada a partir de Gardner, embora esta já estivesse aí antes dele, revelando, sem embargo, “muito da verdadeira natureza da antiga religião” (p. 33), tanto no inconsciente simbólico dos povos e, sobretudo, nos ambientes hereditários e familiares que preservaram os cultos e crenças.

Grimassi recorda, também, as pesquisas de J. Baroja, *The World of Witches* (1964) que identificou um culto florescente à *Diana* - considerada deusa e rainha das bruxas na *Stregheria* italiana e em outras tradições - em pleno século VI d.C. Diana era amplamente cultuada nos antigos cultos da Europa, dos Países Baixos à península itálica, (GRIMASSI, 2003, cap. 5; DELUMEAU, 2009, p. 555) e tornar-se-ia justamente a deusa mais citada nos autos da inquisição como objeto de culto das bruxas. No século XII, Graciano em seu *Decretum*, tratava *Diana* como “a deusa dos pagãos”, com quem as bruxas voavam e ritualizavam.

Nas pegadas de Leland, Frazer e Murray, A. Runenberg, em *Witches, Demons and Fertility Magic* (1947) observaria, para além disso, as origens da palavra “feitiçaria”, notando que em várias línguas europeias há alguma relação com os antigos cultos pré-cristãos de fertilidade (DELUMEAU, 2009, p. 551). Estes mesmos cultos antigos de fertilidade que J. Russell em *Witchcraft in the Middle Age* (1972) demonstrava que sobreviveram “após mil anos de cristianismo oficial”, conforme citando-o também comentaria Delumeau (pág. 552-553).

Embora a tradição intelectual que imputa uma continuidade aos cultos tenha sido demonstrada, com densidade etnográfica sobretudo, por muitos pesquisadores, desde os fins do século XIX, parece que boa parte dos historiadores acadêmicos desconfiou e ainda desconfia da hipótese do continuísmo e da permanência objetiva de cultos “bruxos” antigos que, passando criticamente pela longa era da repressão cristã, reerguer-se-iam contemporaneamente com o fim das perseguições.

É certo, porém, que é inegável uma permanência da magia e de seus congêneres no inconsciente simbólico dos povos e, não menos importante, em uma série de ressignificações engendradas pelos próprios malabarismos católicos, nos esforços da cristianização das massas.

Desta maneira, antigos costumes pré-cristãos ainda resistiram sub-repticiamente até os nossos dias sob novas roupagens e faces convenientemente acionadas. Vários costumes e símbolos podem ser citados, à guisa de exemplo, das festas do Natal e do Carnaval à páscoa e às festas juninas, enquanto muitos aspectos das deusas foram suprassumidos, mesmo que acidentalmente, no culto da virgem Maria, sempre virgem como Atena, mãe de Deus como Aset (Ísis).

Entretanto, uma coisa são estas evidências, outra coisa é inferir que houveram tradições contínuas, costuradas por linhagens iniciáticas dos cultos mágicos, mal interpretadas pela narrativa demonizante da Igreja, que atravessaram a idade média, mesmo que de maneira reduzida e abscondita, e teriam chegado aos novos pagãos pela devota manutenção de antigas tradições familiares, como arrazoava Gardner e tantos outros fundadores de covens modernos.

Parece igualmente verificável que a estas práticas contemporâneas aproximam-se uma série de releituras, acréscimos, repaginações e aglutinações. No entanto, o rigor historiográfico pode ser razoável, em certa medida, em identificando estes elementos centrífugos, amalgamados tardiamente, somados às pretensões contemporâneas dos praticantes, sem pôr em descrédito, em contrapartida, a identidade genuína, de raízes claramente antigas, tão cara aos sujeitos históricos que se identificam com a bruxaria moderna/neopaganismo e levantam a bandeira da ancestralidade de seu culto.

Muito da magia contemporânea, remanesce de comportamentos não-cristãos que estavam “enraizados na experiência milenar de uma civilização rural” (DELUMEAU, 2009, p. 117) e por isso não foram total e facilmente liquidados pela ação repressiva do cristianismo institucionalizado. No século XIII, Thomas de Chobham, um cronista inglês, ainda se queixava que “em todas as regiões e em qualquer lugar da terra muitas idolatrias ainda reinam” (CHOBHAM In MORENZONI, 1988, p. 166). No final de contas, a bruxaria moderna pôde recolher, refundar e remontar antigas crenças e práticas.

Embora no século XI, leis na Grã-Bretanha já proibiam “seriamente o paganismo, isto é, a adoração de ídolos, deuses pagãos, o sol ou a lua, o fogo e os rios, pedras ou florestas em geral” (MURRAY, 2003, p. 26) que as massas ainda cultuavam, não se pode falar da realização efetiva dos sabás (DELUMEAU, 2009, p. 557), como sugere a narrativa eclesiástica, como advogou Murray e tantos outros, a exemplo também de Grimassi em *Hereditary Witchcraft*(1999). Catherine Rider, acertadamente, é da opinião de que “não existe evidência de que alguém tenha ido a um *sabbath* durante a Idade Média” e que os adeptos da antiga religião, de fato, “estivessem trabalhando internamente” (RIDER, 2014, p. 21). Para além

disso, aponta Delumeau, a própria expressão “*Sabá*”, que hoje designam as festas sazonais neopagãs, trata-se de um termo tardio que só apareceria na França de meados do século XIV (2009, p. 526).

Mais impossível ainda é sustentar a opinião de Murray, expressada em todo capítulo terceiro do seu *The Witch-Cult in Western Europe* de que as iniciações nos mistérios dos antigos cultos atravessaram os séculos, permanecendo continuamente, mesmo que realizadas às escondidas, até uma linhagem moderna. E. Rose, em *A razor for a goat* (1962), criticando Murray, já rejeitava toda sorte de permanência organizada dos antigos cultos de fertilidade da Europa pré-cristã.

Nevralgias epistêmicas

Para além disto, há um vício problemático na própria literatura neopagã de classificar os antigos cultos da Europa pré-cristã no singular “a antiga religião” e mais ainda, identificar os movimentos contemporâneos como a própria *old religion*. Isto não somente porque trata-se de um evidente reducionismo homogeneizante, mas porque devido aos processos de “modernização e adaptação” (MILLENNIUM, 2004, p. 11), o ressurgimento hodierno das antigas práticas mágicas não pode configurar “a antiga religião”, muito menos neste tom de uniformidade. Ora, por exemplo, embora se fale em religião celta, sabe-se que, apesar de pontos comuns, não havia uniformidade de culto, liturgia e mitologia nem mesmo entre eles, nem havia uma espécie de panceltismo (LAUNAY, 1978, págs. 107-110). Os povos celtas estavam na Gália, na península ibérica e balcânica, na Grã-Bretanha, na Escócia, no País de Gales, na Irlanda, em parte da Europa Oriental e da Ásia, dentre outros lugares (BLACK, 2012, págs. 40-61), dispersos em algumas dezenas de grupos tribais. (CUNLIFFE, 1992, p. 66).

De modo semelhante, pode ser anacrônico associar os antigos cultos à “bruxaria”, enquanto uma terminologia posterior, exaurida inclusive pela linguagem das forças dominantes. Os povos antigos não se viam, no geral, sob o conceito moderno de bruxaria (BLACK, 2012, p. 20), muito menos se nominavam como bruxos ou pagãos. Esta última expressão, inclusive, fora cunhada pelos autores cristãos para designar depreciativamente aqueles camponeses (*paganus*) que permaneciam nas práticas das antigas religiões politeístas (BROWN, BOWERSOCK e GRABAR, 1999). Os antigos não se identificavam com as categorias terminológicas identitárias de “pagãos” ou “bruxos”. Eles eram o que eram.

Mais grave ainda é designar estes ressurgimentos contemporâneos apenas como *Wicca*. Primeiro porque as identidades do movimento são sobretudo variadas, embora alguns

estudiosos wiccanos tentaram propor que “é evidente que a bruxaria moderna é a antiga religião dos povos da Europa que ressurgiu nos idos de 1950 sob o nome de *Wicca*”. (PRIETO, 1999, p. 14). Naturalmente, os povos antigos não se referiam a seus cultos assim. O termo *Wicca* tem raiz muito provavelmente no saxão (*wych*) ou no Inglês arcaico (*wicce*) que significa “moldar”, “dobrar” (GARDNER, 2004, p. 96; LAMOND, 2005, p. 35; CABOT, 1992, p. 27; STARHAWK, 1993, p. 23), referência clara e genérica à capacidade de manipulação das forças da natureza. Para R. Grimassi, a *Wicca* representava “a sobrevivência do paganismo na Europa Ocidental” por isso que quando o termo passou a ser conhecido era usado “como referência às antigas religiões pré-cristãs europeias” (GRIMASSI, 2002, p. 27). No entanto, é impossível atribuir hoje à estas manifestações, nem antigas nem modernas, apenas a identidade classificatória de *Wicca*.

Historicidade celebrativa da deusa

Embora o epicentro destes cultos, tanto antigos como modernos, seja o elemento de culto a uma deusa-mãe como fonte da criação, as acepções da Deusa podem mudar. Por exemplo, não havia na antiguidade a noção wiccana de que todas as deusas são uma só, como propõem, por exemplo, Prieto (2002, p. 29) e Cunningham (2014, p. 25). Os deuses guardavam na antiguidade sua noção individualizante.

A figura da deusa-mãe, este elemento emblemático do paganismo contemporâneo, é, sem dúvida, herdeira dos primitivos cultos matrifocais comuns na antiguidade europeia (GRIMASSI, 2002, p. 20-21) que os celtas, por exemplo, bem preservaram (SHARKEY, 2013, p. 20). Uma deusa como divindade criadora central era cultuada basicamente em todos os panteões do eixo Afroeurásia desde o paleolítico superior como demonstrou M. Gimbutas em *The civilization of the Goddess* (1992) e *The language of the Goddess* (2001).

Apesar deste aspecto feminino da divindade, os praticantes modernos também se congregam em torno de uma divindade consorte da deusa, o deus bucólico de chifres que morria e renascia dando origem ao ciclo das estações (DELUMEAU, 2009, p. 550), chamado *Cernunnos* entre os celtas (SHARKEY, 2013, p. 5) ou *Dianus* (na península itálica (GRIMASSI, 2003, págs. 89), que os romanos identificaram com Pã. A sua representação mais tarde seria associada à iconografia medieval do diabo (BLACK, 2012, p. 116). Desta figura teria surgido a insistência da igreja no tal bode que atendia às bruxas nas noites de sabá (DELUMEAU, 2009, p. 557). Eliphaz Levi em *História da Magia*, nos fins século XIX, já era

da opinião de que o culto ao “ídolo de chifres” fora lançado na Europa a partir das terras druidas do Norte (LEVI, 1993, p. 202-203).

Os autoidentificados pagãos modernos, arrebanham-se ao redor de alguns festivais (chamados “sabás”) hoje unificados em diversas tradições, resgatados dos difusos cultos antigos. Aqui também não é possível inferir que havia uma unidade celebrativa, como parece haver hoje, de culto ao longo da Europa pré-cristã. Os sabás de *Samhain*, *Beltane*, *Imbolc*, *Lughnasadh*, *Ostara*, *Mabon*, *Litha* e *Yule*, embora remontem, sem dúvida, à antiquíssimos festivais primitivos, não eram celebrados uniformemente, nem sob o mesmo nome como hoje o são.

O *Sahmain*, a entrada do inverno e a comemoração dos ancestrais, recebia este nome da Irlanda, nas regiões gaélico-escocesas tornava-se “*Samhuinn*”, no País de Gales chama-se *Hollantide* ou *Calan Gaef*, na Cornualha “*Allantide*”, na Britânia, em geral, “*Kala Goanv*” (BLACK, 2012, p. 167), muitos costumes desta celebração se preservaram no moderno *Halloween* que tem suas sabidas raízes nestes festins.

Beltane, o festival do fogo e da primavera, é encontrado como “*Bealltuim*”, “*Boaldy*” e “*Cétshamain*” só na Irlanda antiga. *Imbolc*, o festival das luzes e do início da lactação das ovelhas, as vezes aparecia como “*Óimelc*”. Muitos dos costumes de *Imbolc*, onde se cultuava especialmente a deusa *Brigit*, sobreviveram cristianizados na festa de Santa Brígida na Irlanda (LAUNAY, 1978, p. 127) e na festa de Nossa Senhora das Candeias, (BLACK, 2012, p. 356-357). Na opinião de alguns, estes folguedos ainda eram encontrados pelo menos até os tempos de Carlos Magno (LEVI 1993, p. 202-203), embora extinguidos publicamente bem antes. Os outros festivais eram ainda mais escassamente encontrados. Dada a variabilidade geográfica destes cultos, é impossível supor que a sistematização moderna configure, amiúde, uma univocidade ritualística antiga.

Historicidades do arsenal simbólico

O que dizer de uma série de elementos em comum que hoje identificam estes movimentos neopagãos. Existem raízes históricas verossímeis nos cultos antigos para alguns símbolos sintéticos atribuídos às práticas da bruxaria contemporânea? De que maneira se tecem conexões de ancestralidade e antiguidade razoáveis para estes componentes representativos e identitários.

A vassoura, por exemplo, tornar-se-ia um dos objetos mais associados à construção imagética da bruxa. Há uma miríade de relatos nos autos das inquisições medievais e modernas

sobre bruxas voando em vassouras. Alguns autores atribuíram estas descrições, com pouca precisão histórica, aos ritos que faziam as mulheres saltarem sobre vassouras nos campos para garantir-lhes fertilidade (CUNNINGHAM, 2014, p. 46). Não se sabe ao certo a origem e a veracidade do uso das vassouras nos antigos cultos pré-cristãos da Europa. Prieto diz apenas que é certo que elas estão associadas à magia há muito tempo (PRIETO, 2002, P. 44), embora os registros notórios não sejam de antes do século XV, como as ilustrações de bruxas voando em vassouras, de Martin Le Franc em 1491. Assim apontam R. Hutton em *The triumph of the moon: a History of modern pagan witchcraft* (1999) e D. Purkiss em *The witch in History* (2013).

O caldeirão, por seu turno, embora pareça ter sido introduzido ao arsenal da bruxa, igualmente, no Medievo tardio, deve ter provável origem entre os povos célticos, conforme alguns achados arqueológicos sugerem. Está, de fato, associado aos deuses *Bran*, *Dagda* e *Cerridwen*, como recordam Cunningham (2014, p. 50) e Black (2012, p. 230-231). A varinha, outro elemento conhecido e presente no imaginário fantasioso referente à magia, segundo Cunningham, é um elemento notavelmente fálico, “usada há milhares de anos em rituais mágicos e religiosos” (2014, p. 48). Lady M. Black, W. Rutherford e P. R. Mountfort, lembram que os druidas já usavam varinhas confeccionadas com madeira de algumas árvores sagradas para muitos fins (BLACK, 2012, págs. 271; RUTHERFORD, 1991, págs. 74, 97, 183 e MOUNTFORT, 2001, p. 99). O naturalista romano Plínio, o velho (séc. I d.C) já descrevia um ritual druida de colheita de galhos para feitura de varinhas mágicas (BLACK, 2012, p. 271). Miranda Green comenta que em 1984 escavações arqueológicas na Bavária encontraram varinhas célticas de aproximadamente 400 anos a.C (GREEN, 2001, p. 425).

Espadas e adagas, chamadas de atame, que hoje também compõem o arsenal dos bruxos modernos têm raízes antigas e medievais. G. Cantrell escreve que o uso de adagas ritualísticas em rituais pagãos é bastante antigo. De fato, existem gravuras em vasos achados no sudeste europeu que trazem praticantes das antigas religiões empunhado adagas em posições de invocação (CANTRELL, 2002, p. 229). Apesar disto, tudo leva a crer que só foram incorporados às práticas da bruxaria moderna por influência da magia cerimonial e alquímica do medievo, pois só aparecerá da maneira que é hoje usada nos escritos mágicos medievais, com nomes latinos diferentes como *artavus*, *arthana*, *arthame* (DU CANGE, 1954, p. 410) como pode ser visto, por exemplo, nas *clavículas salomonis* (séc. XV-XVI).

Um dos símbolos mais representativos usados pelos próprios neopagãos hoje em dia é o pentagrama. Este, possivelmente, parece ter sido tardiamente atribuído aos sistemas mágicos

ocidentais. Não se trata de um elemento amplamente difundido nos cultos antigos. Assim como o atame, parece ter sido tomado de empréstimo da magia cerimonial (CUNNINGHAM, 2014, p. 54), como nota-se nos textos alquímicos e afins. Grimassi em suas pesquisas até demonstra que o pentagrama, embora aparecesse vagamente, na Grécia, no Egito antigo e no sul da Itália do século VI d.C, na própria magia cerimonial seu uso só começa a ser observado a partir do século XV d.C (GRIMASSI, 2003, p. 35-36). Seu significado contemporâneo dos quatro elementos em união com o espírito (PRIETO, 2002, p. 42; CUNNINGHAM, 2014, p. 54) parece ser tardiamente medieval.

Desde tempos pré-históricos tem se visto as pedras “como belas, poderosas e misteriosas, assim como as ervas” (CUNNINGHAM, 2005, p. 11). O uso das pedras na magia é antiquíssimo, praticamente em todas as culturas antigas e não fora diferente nas culturas da Europa pré-cristã (UYLDERT, 1991, p. 33). “Não há tradição antiga que negue às pedras poderes mágicos, curativos e protetores” (JULIEN, 1990, p. 99). Os antigos druidas, menciona Cabot, já demarcavam seus espaços sagrados na natureza com um círculo de pedras (CABOT, 1992, p. 147), como observamos em *Stonehenge*, por exemplo. Os celtas, também, prestavam verdadeiro culto às ervas (CROWN, 1982, p. 44), sobretudo às árvores que lhes eram deveras sagradas (BLACK, 2012, págs. 119, 135), cujo culto, tratado com hostilidade, deu trabalho aos missionários cristãos durante séculos (THOMAS, 1984, p. 214). Possivelmente, a crença mágica em pedras e ervas, assim como no sol e na lua, é uma das mais antigas da humanidade em diferentes culturas.

Os métodos divinatórios também são elementos identificadores dos bruxos modernos. Embora o *tarot* seja tardio, difundido somente no fim do século XVIII (CUNNINGHAM, 2015, p. 138), as runas (FAUR, 2007, pág. 139) e outros oráculos alfabéticos dos povos célticos (BLACK, 2012, págs. 368; LAUNAY, 1978, pág. 136) são populares junto de mais uma miríade de práticas oraculares com raízes remotas, embora muitas abordagens tenham se transformado hodiernamente, revelando a plasticidade de todos estes elementos ao longo do tempo.

A crença em espíritos anímicos e elementais da natureza também se encontra entre as antigas crenças destes povos resgatadas hodiernamente. A crença nas “fadas” já aparecia na idade média, amiúde, como seres que as bruxas tinham contato (RIDER, 2014, cap. 86). Embora o termo *elemental* seja moderno na observação de Black (2012, p. 121), parece que tem raiz medieval. As fadas, que alguns celtas chamavam “*sidhe*” ou “*sìth*”, compreendiam muitos seres encantados e sobrenaturais que habitavam outros mundos, inclusive os mortos e os ancestrais

(BLACK, 2012, págs. 116-118). Em galês aparecem como *Annwfn* ou *Faery* entre os irlandeses, donde vem o termo inglês “*fairy*” (fada). Estes *sidhe/faery* na península itálica, desde os etruscos, equivaliam basicamente aos espíritos *Lares*, como bem observa Grimassi (2003, p. 50 e 65).

As designações mais recentes destes seres, conhecidas atualmente, desde o medievo, especialmente a partir de Paracelso no século XV, por “gnomos”, “duendes”, “silfos”, “ondinas” e “salamandras” como elementais da natureza não é encontrada desta maneira na antiguidade. Os “elfos” já são mais específicos da cultura mitológica nórdica (FAUR, 2007, p. 58). Os gregos, com sua mitologia também povoada de seres mitológicos também influenciaram significativamente na composição das crenças nestes seres sobrenaturais que atravessaram os séculos, vigente entre os pagãos contemporâneos.

O sagrado feminino e problemáticas sociais

Ser bruxa tornar-se-á, a partir das identificações dos movimentos feministas, uma severa crítica à demonização cristã da mulher. A identidade e a sacralização do feminino compreendida e até politizada pela insurgência neopagã sustenta-se na cosmovisão matrifocal dos antigos cultos de fertilidade, progressos à ascensão do patriarcado e do monoteísmo. Nas antigas sociedades célticas o papel da mulher tinha, decerto, “lugar preeminente” (LAUNAY, 1978, p. 195). J. Sharkey fala, inclusive, em igualdade entre homens e mulheres nos aspectos de união afetiva (2013, p. 73).

A suspeição associativa da mulher com os cultos antigos levava ao aparecimento dela como a mais potencial agenciadora de Satã. O *Malleus Malleficarum* já apontava uma perfídia pagã mais encontrada entre as mulheres que entre os homens, conforme observou Delumeau (2009, p. 488). Isto decorre do fato que “o elemento feminino é, por excelência, aquele que estava mais ligado as antigas tradições (p. 567).

Ora, não só a discussão identitária do feminismo e da crítica à milenar herança misógina e patriarcal do ocidente tangenciam o fenômeno contemporâneo da ressurreição dos cultos antigos na bruxaria contemporânea. O problema da laicidade do estado também acalora o debate, bem como o respeito às diversidades e alteridades, condições *sine qua non* para uma sociedade democrática.

No psicocosmos das civilizações ocidentais em que se cristalizou através da propaganda negativa do cristianismo a ideia da bruxa como “má”, do pagão como o bárbaro incivilizado, da bruxaria como devoção ao diabo e perpetração de malefícios, como os sacrifícios de bebês

e orgias rituais apontadas nas acusações inquisitoriais, ainda pesa uma série de preconceitos e enganos dardejados diuturnamente sobre estes grupos sociais que, a partir das liberdades civis que lhes assistem, identificam-se e professam crenças das mais antigas da humanidade.

Reconduções epistemológicas

Numa sociedade inventada sob bases cristãs, em cuja escritura sagrada se lê “*maleficam non patieris vivere*” (Êxodo 22, 18), isto é: “a feiticeira não deixará viver”, faz-se mister ainda, desmistificar os equívocos erguidos. Os neopaganismos e as diversas formas de bruxaria hoje, quer tenham continuado, quer tenham recomposto *sui modo* antigas crenças e práticas ainda aspiram por, além de se tornarem apropriadamente compreendidas na contemporaneidade, ser estudadas pelos pesquisadores despojados dos vícios e preconceitos epistêmicos que a própria academia muitas vezes reflete para com a própria literatura temática.

É útil para melhor compreender estas manifestações culturais lançar novo olhar para os estudos etnográficos e as historiografias pregressas, mesmo sem tergiversar para as historicidades, para que *não se descarte a água da bacia com o bebê junto*, exorcizando-lhes as suspeições epistemológicas. Facultando, outrossim, *lugar de fala* a estas minorias e compreendendo o movimento neopagão no contexto do fenômeno religioso a que todas ciências humanas, por sua própria *raison d'être*, têm algo a dizer.

FONTES PRIMÁRIAS

DU CANGE, Gall. **Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis**, Band I, Graz. Austria, 1954;
MORENZONI, F. **Corpus Christianorum Continuatio Medievalis**, vol. LXXXII, Brepols Publishers, Turnhout. Belgic, 1988,

REFERÊNCIAS

BLACK, Lady Miriam. **Bruxas**. Ed. Ícone, 2012;
BROWN, Peter In BOWERSOCK, G. W; BROWN, Peter R. L. e GRABAR. Oleg. **Late Antiquity: a guide to the postclassical world**. Harvard University Press, 1999;
CABOT, Laurie e COWAN, Tom. **O Poder da Bruxa**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 3ª ed., 1992;
CANTRELL, Gary. **Wicca: Crenças e Práticas**. Ed. Madras, São Paulo, 2002;
CUNLIFFE, Barry. **The Celtic World**. Constable and Company Publishers, Londres, 1992;
CUNNINGHAM, Scott e HARRINGTON, David. **The Magical Household**, Llewellyn Publications, 1987;
CUNNINGHAM, Scott. **Introdução às Artes Divinatórias: Leitura do Passado, Presente e Futuro**, Ed. Madras, 2015;

- CUNNINGHAM, Scott. **Wicca: Guia do Praticante Solitário**, Ed. Madras, 2014
- DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. Ed. Companhia das Letras, 2009;
- FAUR, Mirella. **Mistérios Nórdicos: Deuses, Runas, Magias e Rituais**. Ed. Pensamento, São Paulo, 2007;
- GARDNER, Gerald. **The Meaning of Witchcraft**. Weiser Books, Boston, 2004;
- GIMBUTAS, M. **The Goddesses and Gods of Old Europe**, University of California Press, 1982;
- GREEN, Miranda J. **Symbol and image in Celtic Religious Art**. Routledge Publisher, London, 2001;
- GRIMASSI, Raven, **Bruxaria Hereditária: Segredos da Antiga Religião**. Ed. Gaia, São Paulo, 2003;
- GRIMASSI, Raven. **Os Mistérios Wiccanos: antigas origens e ensinamentos**. Ed. Gaia, 3ª ed. São Paulo, 2002;
- HARVEY, Graham. **Contemporary Paganism – Listening people, speaking Earth**. New York University Press, 1997;
- JULIEN, Nadia. **Os Talismãs e seus segredos**. Ed. Rideel, São Paulo, 1990;
- KING, Francis. **Magia: Mitos, Deuses e Mistérios**. Edições del Prado, 1996
- LAMOND, Frederic. **Fifty Years of Wicca**. Green Magic publisher, 2005;
- LAUNAY, Olivier. **A Civilização dos Celtas**. Coleção Grandes Civilizações Desaparecidas, ed. Ferni, 1978;
- LEVI, Eliphas. **História da Magia**, Ed. Pensamento, São Paulo, 1993;
- MILLENNIUM. **Wicca. A Bruxaria saindo das sombras**. Ed. Madras, 1ª ed, 2004;
- MOUNTFORT, P. R. **Ogam: The Celtic Oracle of the Trees**, Destiny Publisher, London, 2001, pág. 99.
- MURRAY, Margaret. **O culto das bruxas na Europa Ocidental**, ed. Madras, 2003;
- MURRAY, Margaret. **The God of the Witches**. Faber & Faber Publishers, 1956;
- OLIVEIRA, Cybelle Melo. **Festejos Juninos, suas origens e a influência africana**. Monografia do Curso de História. Universidade Federal de Pernambuco, 2017.
- OLIVEIRA, Rosalira. **Ouvindo uma Terra que fala: O renascimento do Paganismo e a Ecologia**. Revista Nures nº 11, 2009, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo;
- PRIETO, Claudiney. **Wicca: A Religião da Deusa**, Ed. Gaia, 2002;
- PRIETO, Claudiney. **Wicca: Ritos e Mistérios da Bruxaria Moderna**; Ed. Germinal, 1999;
- RIDER, Catherine. **Magia e Religião na Inglaterra Medieval**, Ed. Madras, 2014;
- RUTHERFORD, W. **Os Druidas**. Ed. Mercúrio, São Paulo, 1991;
- SHARKEY, John. **Celtic Mysteries**. Thames & Hudson Publishers, London, 2013;
- STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras**. Ed. Nova Era, 1ª ed. 1993;
- THOMAS, Keith. **Man and the Natural World: Changing attitudes in England 1500-1800**. Penguin Books, 1984.
- YORK, Michael. **The Emerging Network: a sociology of the New Age and Neo-pagan movements**. Maryland, Rowman & Littlefield Publishers, 1995;